

Famílias Multigeracionais Corresidentes: caracterização da geração sanduíche e da geração pseudo-sanduíche¹

Francismara Fernandes Guerra²

Karla Maria Damiano Teixeira³

Márcia Barroso Fontes⁴

Introdução

A geração sanduíche vem sendo amplamente conceituada na literatura como aqueles adultos de meia-idade que convivem, simultaneamente, com duas gerações, obrigando-se a educar os filhos dependentes e a cuidar dos pais idosos. Contudo, Grundy e Henreta (2006) mostram que tal combinação de dependência é, na verdade, uma situação pouco frequente, sendo mais comum a existência de um ou de ambos os pais ainda vivos com crianças parcialmente dependentes. Os autores explicam que tal geração é, em parte, consequência das mudanças demográficas relacionadas, primeiramente, ao envelhecimento populacional, que implicam em mudanças na estrutura e no tamanho das relações de parentesco, bem como relacionadas ao aumento da expectativa de vida. O que faz com que cada vez mais adultos, principalmente, em meia idade tenham pais ainda vivos.

¹ Projeto financiado pela CAPES e pela Fapemig.

² Universidade Federal de Viçosa / Pós-doutoranda. E-mail - francismarafernandes@yahoo.com.br

³ Universidade Federal de Viçosa / Professora associada. E-mail - kdamiano@ufv.br

⁴ Departamento de Economia Doméstica – E-mail - mbfontes@ufv.br

O fato é que, embora a convivência com os pais tenha se estendido por mais alguns anos de vida, que deveria ser considerado um privilégio filial, acabou se tornando um problema, como apontado por muitos estudiosos. Isso porque, simultaneamente ao processo de transição demográfica, várias mudanças sociais, econômicas e culturais podem estar se tornando obstáculos à independência dos jovens adultos, acarretando, dessa forma, a necessidade de apoio parental (GRUNDY e HENRETTA, 2006). Assim, o adiamento da saída da casa dos pais por parte dos filhos, que têm passado cada vez mais tempo na condição de dependentes, também impacta as relações intergeracionais (JESUS e WAJNMAN, 2014). Ou seja, a permanência dos filhos no domicílio também mudou de denotação. Transformando-se de um convívio antes desejado pelos pais para uma situação de sobrecarga emocional e financeira.

Não bastante, a demanda competitiva entre trabalho e família, especialmente o cuidado dos idosos pode, sem dúvida, induzir a uma carga pesada sobre homens e mulheres. Esta carga pode ser agravada com a demanda competitiva do cuidado dos filhos dependentes. Esta situação que identifica o fenômeno da geração sanduíche recebe uma conotação negativa de sobrecarga pela existência de tais gerações dentro da família. Contudo, esta não é uma metáfora muito útil e deve ser rejeitada, pois não parece haver uma deterioração sistemática da família por esse motivo. Uma explicação plausível para isso é o fato de que os membros mais jovens da família podem também ser uma fonte de ajuda na prestação de cuidados aos idosos, não sendo assim, necessariamente, um encargo adicional (KÜNEMUND, 2006).

Contudo, cabe-se uma reflexão sobre a real crise familiar que se acerca sobre a convivência intergeracional e sua dimensionalidade. A família como um espaço primordial de convivência não guarda somente ônus e pesares. A disponibilidade de uma geração acima e de uma geração abaixo no domicílio e a maior participação das mulheres no mercado de trabalho não necessariamente se convertem em cenários piores para a geração sanduíche do ponto de vista da atividade doméstica e das horas de trabalho remunerado.

Segundo Jesus e Wajnman (2014), as mães corresidentes podem, por exemplo, ajudar nos afazeres domésticos e no cuidado com os filhos, liberando o pivô da geração sanduíche, geralmente a filha, para o mercado de trabalho. Para as autoras, esses fatos sugerem que as relações de transferências entre gerações podem ocorrer em mais de uma via, beneficiando, eventualmente, a própria geração sanduíche. Isso deve ser considerado quando se deseja entender as implicações para a vida dos pivôs dessas famílias, frequentemente descritas como sistematicamente piores quando comparadas às pessoas que não estão na mesma situação.

Chegamos, assim, a um embate nessa discussão sobre o compromisso familiar entre as gerações. A existência da geração sanduíche parece, portanto, uma situação mutualística familiar e se caracteriza por trocas complexas entre as gerações, as quais ocorrem em mais de uma via. Aproximamos, agora, de um momento histórico propício ao debate sobre o tema, onde a situação de dupla dependência deixa de caracterizar a geração sanduíche. Para a evolução deste debate, cabe-se pensar, então, como caracterizar a geração sanduíche? Este trabalho destina-se, portanto, a traçar o perfil demográfico das famílias multigeracionais corresidentes, visto que sua existência se dá principalmente por fatores demográficos, para mostrar que a distribuição etária populacional quando relacionada à família domiciliar ganha dimensões não levantadas na literatura.

Para tanto, nosso primeiro interesse é estudar a geração sanduíche. Dessa forma, definimos que um indivíduo se torna pivô da geração sanduíche, quando ocorrem simultaneamente: 1) a existência de, pelo menos, uma geração acima e de, pelo menos, uma geração abaixo da sua; e 2) a apropriação da maior responsabilidade na tomada das decisões familiares e domésticas (e menor dependência) dentro da família multigeracional por esse indivíduo. Ressalta-se que, diferentemente de outros estudos, homens e mulheres podem ser considerados pivôs e não somente mulheres. O que abrange mais variações de arranjos familiares nesta situação. Nosso pressuposto é de que a corresidência sugere, em algum grau, uma relação de dependência entre os corresidentes

sendo que esta dependência se dá individualmente, de várias formas, podendo-se citar: a dependência física, a dependência financeira, a dependência emocional e a dependência moral. Por isso, ao se estudar a responsabilidade pelo domicílio, pode-se caracterizar o sentido de maior fluxo das trocas intergeracionais, partindo do familiar de menor dependência para o familiar de maior dependência. Isto é, se realmente os pivôs da geração sanduíche são aqueles responsáveis (e respectivos cônjuges, na existência dos mesmos) pelos domicílios de famílias multigeracionais.

Contudo, uma situação pouco discutida nos trabalhos acadêmicos é que a existência de famílias multigeracionais dentro de um domicílio não significa que a geração intermediária seja a responsável pela família. Neste caso, necessitamos estudar a geração responsável por estes domicílios, que denominamos de pivôs da geração pseudo-sanduíche, por não estarem entre duas outras gerações. Mesmo não se encaixando integralmente sobre a definição de geração sanduíche, a geração pseudo-sanduíche está submetida a uma dupla (ou até mesmo tripla) carga de dependência, principal razão pela qual a geração sanduíche se tornou objeto de pesquisa pela literatura e pela qual acreditamos ser importante incluí-la neste estudo.

Para os propósitos deste trabalho, estudamos o Censo Demográfico brasileiro de 2010, que define amplamente as relações de parentesco e convivência⁵ para encontrar as famílias estendidas com pelo menos três gerações corresidentes e determinar os pivôs destes domicílios. Com isso, pretendemos mostrar que, ainda que domicílios que apresentem o mesmo arranjo, onde há a presença de pais e filhos simultaneamente, as relações de responsabilidade e de dependência é que definem as necessidades de cada família.

⁵ Pessoa responsável pelo domicílio; cônjuge ou companheiro(a) de sexo diferente; cônjuge ou companheiro(a) do mesmo sexo; filho(a) do responsável e do cônjuge; filho(a) somente do responsável; enteado(a); genro ou nora; pai, mãe, padrasto ou madrastra; sogro(a); neto(a); bisneto(a); irmão ou irmã; avô ou avó; outro parente; agregado(a); convivente; pensionista; empregado(a) doméstico(a); parente do(a) empregado(a) doméstico(a); individual em domicílio coletivo.

1. Uma breve abordagem sobre a família multigeracional

A convivência domiciliar multigeracional não é um fenômeno novo. Historicamente, pais idosos ou deficientes têm sido acolhidos no domicílio de seus filhos, corresidindo com a presença dos netos. O aumento da atenção voltada para a família multigeracional, nos últimos anos, deu-se, provavelmente, por se configurar como uma das tendências demográficas modernas (PIERRET, 2010), não somente em países desenvolvidos, como em um número crescente de países em desenvolvimento (GRUNDY, HENRETTA, 2006). E, apesar disso, muitos estudiosos procuram investigar somente a questões relacionadas à geração sanduíche, ao invés de tratar a família multigeracional como um todo. Desprezando a existência de um intrínseco ecossistema familiar, com suas atribuições e tribulações.

No Brasil, mesmo que muitos idosos estejam morando sós ou em instituições asilares, é comum o ambiente domiciliar como importante modalidade de residência do idoso. O compartilhamento do espaço físico com os filhos se dá, frequentemente, em razão da falta de renda e/ou da autonomia do idoso para lidar com as atividades cotidianas. Em outras situações, a renda do idoso pode tornar a corresidência mais atrativa para os filhos que buscariam usufruir de seus benefícios (PAULO, 2008). O que mostra que a relação de dependência em uma família multigeracional não é unicamente explicada pelas características da geração intermediária.

Por isso, a comunicação entre as diferentes gerações continua a desempenhar um papel chave no período de convivência multigeracional no que tange aos reajustes essenciais à satisfação das necessidades de todos os membros da família (AGOSTINHO, 2009). Assim, os papéis a serem desempenhados na família, principalmente na velhice, não são definidos somente pelo receber ajuda, mas se redefinem por dar ajuda. Esta ajuda é oferecida não somente para a geração acima, mas aos filhos e netos, cujos avós,

muitas vezes, podem ser vistos como a geração sanduíche (LEHR, 1999), ou geração pseudo-sanduíche conforme definido neste trabalho.

A dinâmica da família que coabita e cuida de um idoso ou de uma criança é, geralmente discutida e caracterizada pela literatura, primeiramente, pela participação dos cuidadores que são, em grande maioria, mulheres, geralmente, filhas e noras dos idosos e mães das crianças. No entanto, cabe ressaltar que, tais cuidadores acabam pertencendo a uma geração intermediária, ou geração sanduíche, que se encontram, geralmente, na meia-idade, possuindo uma situação financeira melhor, sendo mais propensos a serem casados e estarem fora da força de trabalho (PIERRET, 2010). Momento no qual o velho passa a ser visto como frágil e incapaz e o membro da geração sanduíche passa a ser visto como duplamente sobrecarregada por obrigações familiares.

Nesta situação, os membros da geração sanduíche são confrontados com a crise filial de serem obrigados a cuidar dos pais, ao invés de continuarem a serem os beneficiários dos cuidados dos mesmos, onde ainda têm de cuidar dos filhos. É uma geração que tenta criar e educar a geração mais nova, reavaliar e renegociar a sua relação conjugal, aprender a lidar com o seu próprio envelhecimento e, também, com o envelhecimento, a dependência e a proximidade da morte do familiar idoso dependente (SALGUEIRO e LOPES, 2010). Os pais idosos que precisam de cuidados podem ser vistos como uma versão distorcida de filhos, encontrando-se, porém a caminho da morte e não da vida. Ao tornarem-se “pais” dos seus próprios pais, a geração sanduíche experimenta a perda de suporte da geração anterior, ao mesmo tempo em que precisa se adaptar à emancipação dos filhos. Contudo, quando estes permanecem em casa, já não são os filhos da infância, e passam a competir pelo poder e pela influência na família, tal como a geração dos pais que competem pelo poder na sociedade. O que contraria o ciclo natural familiar, em que os adultos de meia-idade são aqueles que, além, de deter a responsabilidade e o comando na família e na sociedade, fazem a

ponte entre a geração dos mais velhos e a geração dos mais novos (FAGULHA, 2005).

A ausência de filhos adultos na família é uma fase do ciclo vital da família, caracterizada, essencialmente, pela perda e designada por fase de contração da família, fase de lançamento dos filhos ou de etapa do ninho vazio. No entanto, quando existirem entradas na família que interliguem várias gerações, no lugar da saída, imperam-se os momentos de crises intergeracionais. A família nuclear assume, então, o papel de família de origem, para a qual regressam os pais do casal. Segundo Agostinho (2009), este fenômeno é denominado de inversão da hierarquia geracional, o que implica no desempenho de novos papéis e em novas relações, com outro tipo de regras implícitas. Para o autor, existem três tarefas principais a serem realizadas pela família nesta fase. A primeira consiste em facilitar a saída dos filhos de casa, redefinindo, conseqüentemente, a vida do casal; a segunda consiste em reavaliar e renegociar a relação de casal, considerando a vida profissional e a individualidade de cada um dos membros; e a terceira em aprender a lidar com o envelhecimento, articulando entre a dependência e a independência de gerações diferentes, a dos seus pais e a dos seus filhos, respectivamente.

Assim, parece que as relações familiares são linearmente traçadas no tempo, desprovidas de qualquer amor fraternal capaz de reestruturar o sistema familiar em virtude de uma alteração do ciclo natural da vida. Nesse sentido, Grundy e Henretta (2006) mostram que fornecer ajuda para um ou mais filhos adultos aumenta a probabilidade de também dar ajuda a um pai ou a um sogro idoso, e vice-versa. A associação positiva entre ajudar uma geração e ajudar a outra não é explicada por características sócio-demográficas. Essa descoberta se apoia na hipótese de que a solidariedade familiar entre as gerações influencia substancialmente as transferências de ajuda, ou seja, acredita-se que algumas famílias são mais coesas que outras, promovendo, assim, mais trocas intergeracionais por meio do cuidado.

Enfim, a dinâmica demográfica atual mostra que há muito ainda a se esperar no tocante às mudanças na estrutura das famílias.

Devido à redução da fecundidade, as tendências indicam intervalos mais longos entre as gerações, com um crescimento mais lento da prevalência de famílias multigeracionais e, conseqüentemente, da prevalência da geração sanduíche. Isso diminui a relevância da situação sanduíche, simplesmente, porque há menos crianças nas famílias. O cenário gerado pelas mudanças demográficas sobre a família também inclui a verticalização das estruturas familiares e o aumento da prevalência de famílias multigeracionais. (KÜNEMUND, 2006). Além disso, as altas taxas de divórcio reduzem o papel central da família nuclear e, somando-se a isso, o aumento do número de gerações vivas simultaneamente, por vários anos de vida compartilhados, aumenta a importância das relações da família expandida (HOGAN, EGGEBEEN, CLOGG, 1993; BENGTSON, 2001). Em outras palavras, devemos mudar o foco ao se estudar as relações famílias e visar as necessidades reais das famílias, principalmente as famílias multigeracionais.

2. Estratégias Metodológicas

A fim de traçar o perfil demográfico da geração sanduíche residente em domicílios com famílias multigeracionais, empregamos os dados do Censo Demográfico brasileiro de 2010. O critério utilizado para encontrar estes domicílios foi a existência de, pelo menos, duas gerações residentes no domicílio, além do responsável (e de seu cônjuge, na existência do mesmo). Definimos uma geração como sendo aqueles residentes que se encaixam em uma das seguintes categorias da relação de parentesco ou de convivência com a pessoa responsável pelo domicílio: 1) avô ou avó; 2) pai, mãe, madrasta, padrasto ou sogro(a); 3) filho(a), nora ou genro; 4) neto(a) e 5) bisneto(a).

Definimos os pivôs como sendo aqueles indivíduos na situação de responsável pelo domicílio e, nos casos em que o responsável pelo domicílio seja casado e corresidente com seu cônjuge, também definimos o cônjuge como pivô. Cabe ressaltar que, diferentemente de alguns trabalhos apontados na literatura, não definimos os pivôs

como sendo uma única pessoa por domicílio, exclusivamente do sexo feminino. Isto porque em domicílios onde o(a) responsável apresenta cônjuge, supomos a existência de consenso entre ambos. Ou seja, as relações de responsabilidade e de dependência entre as gerações são compartilhadas pelo responsável⁶ do domicílio e por seu cônjuge, seja homem ou mulher.

Dessa forma, os pivôs da geração sanduíche convivem, simultaneamente, com, pelo menos, uma geração acima e com, pelo menos, uma geração abaixo da sua dentro de seu domicílio. Já os pivôs da geração pseudo-sanduíche, convivem, simultaneamente, com, pelo menos, duas gerações no mesmo domicílio, sendo ambas as gerações acima ou abaixo da sua. A geração pseudo-sanduíche é, portanto, uma geração que se apropria da maior responsabilidade (e menor dependência) dentro da família multigeracional e que, porém, não se encontra ensanduichada por duas gerações.

3. Análise dos Dados

Os domicílios brasileiros recenseados contavam com 191.187 domicílios particulares⁷, sendo que 12,3% apresentavam três gerações corresidentes e, apenas, 0,5% quatro gerações corresidentes, apresentando, em média, 5,9 moradores por domicílio multigeracional. Do total dos domicílios brasileiros, apenas, 2,3% estavam sob a responsabilidade da geração sanduíche e 10,5% sob a responsabilidade da geração pseudo-sanduíche. A idade média dos pivôs foi de 52 anos, cuja renda média era o equivalente a 2,4 vezes a renda dos demais corresidentes.

Quadro 1 – Distribuição relativa das famílias multigeracionais

⁶ O censo demográfico também impede uma análise melhor sobre a responsabilidade do domicílio já que atribui a responsabilidade a um único morador.

⁷ Não inclui domicílios coletivos.

brasileiras corresidentes por tipo de arranjo domiciliar segundo a responsabilidade do domicílio

<u>Tipo de arranjo domiciliar</u>	<u>Frequência relativa (%)</u>	<u>Geração</u>
• Responsável (com ou sem cônjuge ou companheiro(a)); filho(s), enteado(s), nora(s) ou genro(s); neto(s)	78,7	Pseudo-sanduíche
• Pai, mãe, madrasta, padrasto ou sogro(a); responsável (com ou sem cônjuge ou companheiro(a)); filho(s), enteado(s), nora(s) ou genro(s)	15,1	Sanduíche
• Pai, mãe, madrasta, padrasto ou sogro(a); responsável (com ou sem cônjuge ou companheiro(a)); filho(s), enteado(s), nora(s) ou genro(s); neto(s)	1,7	Sanduíche
• Responsável (com ou sem cônjuge ou companheiro(a)); filho(s), nora(s) ou genro(s); neto(s); bisneto(s)	1,6	Pseudo-sanduíche
• Responsável (com ou sem cônjuge ou companheiro(a)); neto(s); bisneto(s)	1	Pseudo-sanduíche
• Pai, mãe, madrasta, padrasto ou sogro(a); responsável (com ou sem cônjuge ou companheiro(a)); neto(s)	0,7	Sanduíche
• Responsável (com ou sem cônjuge ou companheiro(a)); filho(s), enteado(s), nora(s) ou genro(s);bisneto(s)	0,5	Pseudo-sanduíche
• Avô(s) ou avó(s); responsável (com ou sem cônjuge ou companheiro(a)); filho(s), enteado(s), nora(s) ou genro(s)	0,4	Sanduíche
• Avô(s) ou avó(s); pai, mãe, madrasta, padrasto ou sogro(a); responsável (com ou	0,2	Sanduíche

sem cônjuge ou companheiro(a)); filho(s), enteado(s), nora(s) ou genro(s)		
• Avô(s) ou avó(s); pai, mãe, madrasta, padrasto ou sogro(a); responsável (com ou sem cônjuge ou companheiro(a))	0,2	Pseudo-sanduiche
• Avô(s) ou avó(s); pai, mãe, madrasta, padrasto ou sogro(a); responsável (com ou sem cônjuge ou companheiro(a)); neto(s)	0,04	Sanduiche
• Pai, mãe, madrasta, padrasto ou sogro(a); responsável (com ou sem cônjuge ou companheiro(a)); bisneto(s)	0,04	Sanduiche
• Avô(s) ou avó(s); responsável (com ou sem cônjuge ou companheiro(a)); filho(s), enteado(s), nora(s) ou genro(s); neto(s)	0,02	Sanduiche

Fonte: Dados manipulados do Censo demográfico brasileiro – 2010 / IBGE.

Nota: 1) Não foram encontrados arranjos com mais de quatro gerações corresidentes. 2) Não foram encontrados arranjos com responsável e cônjuge ou companheiro(a) do mesmo sexo. 3) Não foram encontrados arranjos que apresentavam a presença de avós e bisnetos ao mesmo tempo.

O tipo de arranjo domiciliar que mais se destacou em relação aos demais (Quadro 1) estava sob a responsabilidade da geração pseudo-sanduiche, no qual residiam o responsável (com ou sem cônjuge ou companheiro(a)); filho(s), enteado(s), nora(s) ou genro(s) e neto(s). Este arranjo estava presente em, aproximadamente, 4 em cada 5 domicílios multigeracionais (78, 7%). Seguido pelo arranjo sob a responsabilidade da geração sanduiche, no qual residiam pai, mãe, madrasta, padrasto ou sogro(a); responsável (com ou sem cônjuge ou companheiro(a)); filho(s), enteados(s), nora(s) ou genro(s), com representatividade de 15,1% do total de domicílio multigeracionais. Os demais tipos de arranjo equivaliam a uma pequena parcela de 6,3% das famílias multigeracionais corresidentes.

Tabela 1 – Proporção de domicílios multigeracionais brasileiros por tipo de geração segundo algumas características

Características dos domicílios multigeracionais	Tipo de geração		Total
	Pseudo-sanduíche	Sanduíche	
Sob responsabilidade de único pivô	45,2	32,3	42,8
Sob responsabilidade de casal pivô	54,8	67,7	57,2
Com a presença de criança(s) e/ou adolescente(s), exceto pivô(s)	97,1	90	95,8
Com a presença de adulto(s), exceto pivô(s)	93,1	65,6	88,1
Com a presença de idoso(s), exceto pivô(s)	1,7	74,3	14,9
Com a presença de outros moradores*	9,4	32,1	13,5

Fonte: Dados manipulados do Censo Demográfico brasileiro – 2010/IBGE.

* Irmão ou irmã; outro parente, agregado(a); convivente; pensionista; empregado(a) doméstico(a) e parente do(a) empregado(a) doméstico(a).

Nota: Criança ou adolescente: 0 a 17 anos; adulto: 18 a 59 anos; idoso: 60 anos ou mais.

A maioria dos domicílios multigeracionais (54,8%) da geração pseudo-sanduíche e 67,7% da geração sanduíche) se caracterizou pela responsabilidade de um casal de pivôs (Tabela 1), com a presença maciça de crianças ou adolescentes (97,1% e 90,0% respectivamente). Contudo, as famílias da geração sanduíche apresentaram maior proporção de idosos (74,3%) e menor proporção de adulto (65,6%), excluindo-se os pivôs, comparativamente às famílias da geração pseudo-sanduíche (com 93,1% de adultos e 1,7% de idosos). A presença de outros moradores também foi significativamente diferente para cada tipo de geração, havendo a presença de moradores que caracterizam

estruturas familiares estendidas e complexas em, aproximadamente, um em cada dez (9,4%) domicílios dos pseudo-sanduíche e um em cada três (32,1%) da geração sanduíche.

Tabela 2 – Proporção de pivôs dos domicílios multigeracionais brasileiros por tipo de geração segundo algumas características

Características dos pivôs	Tipo de geração		Total
	Pseudo-sanduíche	Sanduíche	
Sexo feminino	61,3	56,7	60,4
Sexo masculino	38,7	43,3	39,6
Em união*	70,8	80,8	72,8
Crianças e/ou adolescentes	0,1	0,8	0,2
Adultos	66,1	93,2	71,3
Idosos	33,8	6	28,5

Fonte: Dados manipulados do Censo Demográfico brasileiro – 2010/IBGE.

*Inclui os responsáveis e seus respectivos cônjuges ou companheiros(as).

Nota: Criança ou adolescente: 0 a 17 anos; adulto: 18 a 59 anos; idoso: 60 anos ou mais.

Os pivôs dos domicílios multigeracionais (Tabela 2) eram, em grande parte, do sexo feminino (61,3% da geração pseudo-sanduíche e 56,7% da geração sanduíche) e casados (70,8% e 80,8% respectivamente). E, ratificando os resultados obtidos na Tabela 2, os pivôs eram, majoritariamente, adultos (66,1% da geração pseudo-sanduíche e 93,2% da geração sanduíche), destacando-se a proporção de idoso entre os pivôs da geração pseudo-sanduíche que equivale a 33,8%.

4. Discussão

Grande parte do interesse das pesquisas atuais acerca das famílias multigeracionais tem sido sobre a geração sanduíche. Trata-se, em geral, de mulheres na faixa etária da meia-idade, pela maior possibilidade de que estas vivenciem as responsabilidades simultâneas de cuidar dos pais e dos filhos. Contudo, como mostramos neste trabalho, a característica das famílias multigeracionais que mais se destaca é a presença da geração pseudo-sanduíche, ou seja, a presença majoritária de idosos como responsáveis pelo domicílio e, conseqüentemente, pela família. Apesar da denominação dada pelo IBGE de responsável pelo domicílio ter sido utilizada como parâmetro para estudos domiciliares, incluindo este trabalho, sabemos que os deveres domésticos e familiares são, na maioria das vezes, divididos entre seus membros. Embora conscientes dessa verdade, usamos o fato de que a autonegação dos moradores como responsáveis dos próprios domicílios é uma constatação suficientemente forte para a realização deste trabalho.

É claro, também, que o suporte familiar pode significar algo que não esteja relacionado à coresidência. Os pais podem fornecer apoio financeiro, cuidado dos netos ou, até mesmo, ajuda nos afazeres doméstico a seus filhos não residentes. Os filhos adultos podem, igualmente, ajudar seus pais idosos com cuidados pessoais, emocionais ou financeiramente, mesmo se eles não morarem juntos. Pierret (2010) mostra que ter tanto os pais, quantos os filhos morando na mesma casa é um evento raro, sendo que aproximadamente 1% das mulheres entre as idades de 45 e 56 anos são parte da geração sanduíche. Mas, em contrapartida, um terço de todas as mulheres nessa faixa etária oferece alguma ajuda para ambos os pais e os filhos. Analisando a geração sanduíche, sob outro sentido, como por meio de transferências financeiras ou por meio de dedicação de tempo e, simultaneamente, ajudar os pais de forma similar implica em apenas 9% das mulheres dessa faixa etária nos Estados Unidos. Dessa forma, o que determina a extensão da geração sanduíche depende do que escolhemos adotar como definição. Portanto, como a definição adotada neste trabalho se

destina a gerar informações relevantes sobre famílias multigeracionais, pode-se dizer que o objetivo foi alcançado.

Este artigo buscou, assim, estabelecer uma interseção entre os debates acadêmicos sobre o compromisso filial das novas gerações e destinou especial atenção a uma vertente derivada do tema: a responsabilidade da geração dos filhos, que se encontra comprometida a atender à demanda simultânea de seus pais idosos e de seus próprios filhos. Nessa discussão, no entanto, há um outro lado, que não faz parte do escopo deste trabalho, mas que está intimamente relacionada com o tema que é o abandono dos pais idosos pelos filhos. Para Lam (2006), esta vertente tem sua raiz nas mudanças sociais, econômicas e demográficas vivenciados pela sociedade. O resultado compreende uma sociedade moderna que tende a produzir uma geração que valoriza decisões baseadas na racionalidade, indicando que a prestação de cuidado não é necessariamente ofertada com base em um senso moral de piedade filial, mas de acordo com a estrutura socioeconômica da família.

Contudo, se isso de fato se aplicasse ao caso brasileiro, poderíamos supor que sob esse senso moral, não caberia a formação de domicílios familiares, no qual figuram-se a coresidência da família estendida. Sua existência seria, então, condicionada à incapacidade da geração dos pais de conseguirem arcar com seus próprios gastos, impedindo-os de morarem sozinhos; ao mesmo tempo em que a geração dos filhos não conseguissem custear as despesas dos pais em outro domicílio. Mas não é o que se observa neste trabalho, onde majoritariamente os pais idosos não somente são responsáveis por seus domicílios, como também ajudam a sustentar seus filhos e netos. Neste embate, o que se coloca em discussão é que o extremismo das correntes não revela o verdadeiro caráter da sociedade brasileira e que, mesmo na atualidade, as relações familiares não tendem a ser orientadas por essa visão. Por isso, o foco dos estudos científicos, bem como das políticas públicas deve ser voltada para a família como um todo, não somente para uma geração.

Conclusão

Nossos resultados mostram uma expressiva participação de famílias multigeracionais convivendo em um mesmo domicílio na população brasileira, principalmente, com a presença de três gerações sob a responsabilidade da geração pseudo-sanduíche, cujo arranjo mais comum é a presença do responsável pelo domicílio (com ou sem cônjuge ou companheiro(a)), de filho(s), enteado(s), nora(s) ou genro(s) e de neto(s). Isso significa que a convivência entre as gerações, pela coresidência, é maior do que se espera. Não sabemos ao certo o porquê. Porém, pelo tipo de arranjo encontrado, a maior dificuldade em se estabelecer um domicílio próprio, aparentemente, recai sobre a geração intermediária que, já com filhos, precisa recorrer aos pais, muitas vezes idosos, para assegurar sua moradia. Resultando em maior responsabilidade sobre a geração mais velha, que não parece se encontrar em posição de maior dependência.

Os arranjos domiciliares das famílias multigeracionais coresidentes são compostos, basicamente, pela combinação das três gerações: crianças e adolescentes, adultos e idosos. O que diferencia cada residência é a idade de seu responsável. Aqueles sob responsabilidade de idosos têm, obviamente, maior participação de adultos, crianças e adolescentes como demais moradores potencialmente dependentes. Aqueles sob a responsabilidade de adultos têm, por consequência, maior participação de idosos, crianças e adolescentes como demais moradores potencialmente dependentes. Contudo, o que as estatísticas trazem de diferente é a grande participação de outros tipos de moradores, como irmão(s) e outros tipos de parentes. Estes indivíduos não estão na linha de ascendência ou descendência dos pivôs, o que torna difícil tirar conclusões sobre qual a relação de dependência estabelecida entre os mesmos.

Além disso, pela presença de, pelo menos, três gerações conviventes e, ainda, pela presença de outros moradores no mesmo domicílio, pode-se dizer que o tamanho médio destas residências é maior do que os demais tipos existentes, mas não é um domicílio

numeroso. Isso provavelmente é reflexo das mudanças sócio-demográficas, cujo resultado é a combinação de um(a) filho(a) adulto(a), provavelmente casado(a), que busca apoio dos pais ao início da vida reprodutiva, com um ou dois filhos ainda pequenos.

Os pivôs dos domicílios multigeracionais, assim como encontrado na literatura, são, em sua maioria, mulheres, estão em uma união, se encontram na meia-idade e possuem poder aquisitivo maior que os demais corresidentes. Contudo, verificamos, por outro lado, uma importante participação masculina entre os pivôs, ainda que esta se dê pela cessão de moradia e pela companhia, já que é plausível pensar que a coresidência obriga, direta ou indiretamente, os indivíduos a conviverem, de certa forma, em um processo de contínua cooperação.

Por fim, o perfil encontrado para as famílias multigeracionais brasileiras corresidentes mostra indícios da necessidade de uma política facilitadora de obtenção de um imóvel próprio para a família recém formada, já que, representativa parcela dos domicílios multigeracionais é de responsabilidade de idosos que recebem filhos adultos e netos pequenos.

Referências

AGOSTINHO, A.C.M.A.L. **Filhos na escola e filhos adultos: a relação entre funcionamento familiar, parentalidade e resiliência.** Universidade de Lisboa, 2009. (dissertação de mestrado)

BENGTSON, V.L. **Beyond the nuclear family: The increasing importance of multigenerational bonds.** *Journal of Marriage and Family*, v. 63, n. 1, p. 1-16, 2001.

FAGULHA, T. **A meia-idade da mulher.** *Psicologia*, v. 19, n. 1-2, p. 13-17, 2005.

GRUNDY, E; HENRETTA, J.C. **Between elderly parents and adult children a new look at the intergenerational care provided by the 'sandwich generation'**. Ageing and society, vol.26, p. 707-722, 2006.

HOGAN, D.P.; EGGEBEEN, D.J.; CLOGG, C.C. **The structure of intergenerational exchanges in American families**. American journal of Sociology, p. 1428-1458, 1993.

JESUS, J.C.; WAJNMAN, S. **Geração Sanduíche: análise em contextos de cossobrevivência e coresidência no Brasil, 2008**. Trabalho apresentado no XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, 2014.

KÜNEMUND, Harald. **Changing Welfare States and the "Sandwich Generation": Increasing Burden for the Next Generation?**. International Journal of Ageing and Later Life, v. 1, n. 2, p. 11-29, 2006.

LAM, R.C. **Contradictions between traditional Chinese values and the actual performance: a study of the caregiving roles of the modern sandwich generation in Hong Kong**. Journal of Comparative Family Studies, p. 299-313, 2006.

LEHR, U. **A revolução da longevidade: impacto na sociedade, na família e no indivíduo**. Est. Interdiscipl. Envelhec, v. 1, p. 7-36, 1999.

PAULO, M.A. **A relação entre renda e composição domiciliar dos idosos no Brasil: um estudo sobre o impacto do recebimento do BPC**. Dissertação de Mestrado em Demografia, UFMG, 2008, Belo Horizonte.

PIERRET, C.R. **Sandwich Generation: Women Caring for Parents and Children**. The. Monthly Lab. Rev., v. 129, p. 3, 2006.

Francismara Fernandes Guerra

Karla Maria Damiano Teixeira

Márcia Barroso Fontes

SALGUEIRO, H. e LOPES M. A dinâmica da família que coabita e cuida de um idoso dependente. Revista Gaúcha de Enfermagem. v.31, n.1, p.26-32, 2010.

SPILLMAN, B.C. e PEZZIN, L.E. Potencial and active family caregivers: Changing networks and the “Sandwich Generation”. The Milbank Quarterly, vol.78, no.3, 2000.

Recebido em 03/03/2016 e
aceito em 03/12/2016.

Resumo: Nossa análise busca determinar o perfil demográfico das famílias multigeracionais corresidentes, diferenciando as gerações sanduíche e pseudo-sanduíche ao estabelecer as relações de dependência entre os membros segundo a apropriação da responsabilidade pelo domicílio. Para isso, empregamos as relações de parentesco e convivência descritas no Censo Demográfico brasileiro de 2010. Nossos resultados mostram uma grande proporção de famílias multigeracionais corresidentes sob a responsabilidade da geração mais velha. Isso pode significar que a maior dificuldade em se estabelecer um domicílio próprio recai sobre a geração intermediária que, com filhos, depende dos pais, muitas vezes idosos, para assegurar sua moradia.

Palavras-chave: domicílios multigeracionais, geração sanduíche, geração pseudo-sanduíche.

Title: Multigenerational household families: characterization of the sandwich generation and pseudo-sandwich generation.

Abstract: Our analysis aims to determine the demographic profile of multigenerational families living together, differentiating the sandwich and pseudo-sandwich generations by establishing the dependency relationships between individuals according to the appropriation of the responsibility for the household. For this, we used kinship and coexistence relations described in the Brazilian Demographic Census of 2010. Our results show a large proportion of multigenerational families living together under the responsibility of older generation. This may mean that the biggest difficulty in establishing an own home devolves on the intermediate generation, who have children and depends on their parents, often elderly, to ensure their homes.

Keywords: multigenerational households, sandwich generation, pseudo-sandwich generation.
